



A Autorrealização como Mercadoria a Partir da Narrativa Terapêutica Autobiográfica¹

Marcelo May Spina Junior

ESPM²

Este artigo reflete sobre a cultura terapêutica a partir de narrativas autobiográficas. Assim, rebusca-se o surgimento da autoajuda – a partir da publicação *Autoajuda* de Samuel Smiles (1882) – a fim de traçar um breve histórico de suas mais recentes mutações. A partir da análise de autores como Eva Illouz e Nikolas Rose, é possível identificar na contemporaneidade a autorrealização como um direito e, em alguns casos, um dever, assim, nesta breve reflexão também encontra-se uma análise, em síntese, dessa lógica. Para estudar esta narrativa autobiográfica que oferta certo tipo de autoajuda, o artigo buscou como objeto a blogueira Isabela Freitas, que produz conteúdos que estão intimamente relacionados aos ideais do quadro teórico. Assim, utiliza-se a análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2001) dentro do *novo espírito do capitalismo* (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009) a fim de fazer uma análise social desta fala e contexto.

Palavras-chave: Isabela Freitas, autoajuda, cultura terapêutica, narrativas autobiográficas.

-

Introdução

A busca por autorrealização na contemporaneidade tem sido analisada por diversos autores. Todavia, este artigo baseia-se no pensamento analítico de Eva Illouz, principalmente em sua obra *O amor nos tempos do capitalismo* (2011). Após uma breve apresentação do pensamento de Eva Illouz, é traçado um paralelo com diversos autores a fim de esboçar um contexto mais amplo, e é neste momento que trazemos Nikolas Rose e a dupla Luc Boltanski & Ève Chiapello. Assim, após a apresentação de um quadro teórico, as teorias serão exemplificadas no objeto empírico proposto: o discurso da busca pela autorrealização presente no conteúdo da blogueira Isabela Freitas.

A blogueira, em si, é um objeto interessante pelo seu poder de alcance e comunicação. Ela atua em diferentes plataformas dentro do meio online, conforme descrito ao longo do texto (Blog, Facebook, Twitter, Instagram e, mais importante para este artigo, YouTube). A relevância de Isabela se dá pelo seu poder de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO E CONSUMO: cultura empreendedora e espaço biográfico, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Mestrando bolsista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (PPGCOM ESPM). E-mail: mmspinajr@gmail.com.



alcance, já que seu website atingiu desde 2009 a marca de 60 milhões de acessos e seu vídeo mais popular, postado no YouTube, possui mais de 115 mil visualizações³.

A Cultura Terapêutica e seus reflexos.

Eva Illouz, em sua obra *O amor nos tempos do capitalismo* (2011), analisa capitalismo afetivo a partir do entrelaçamento entre a parte racional do modo de produção e a parte emocional dos sentimentos de cada indivíduo ou grupo. Segundo a autora, este movimento surge a partir de uma narrativa de autoajuda, muito presente na obra de Samuel Smiles (1882), onde entende-se que o próprio indivíduo seria o responsável por seu sucesso e sua independência. Esta afirmação, quando equiparada à análise que a autora traz da obra de Freud, que aponta que "as condições sociais dos trabalhadores eram tais que a recuperação da neurose só faria acentuar sua miséria" (ILLOUZ, 2011, p. 61), aponta um paradoxo do discurso moral da identidade. Este paradoxo se dá principalmente pelo entendimento da sucessão da vida, que, segundo a autoajuda, seria de maneira horizontal, porém, para Freud seria de maneira cíclica – O que indica justamente este paradoxo proposto entre Smiles e Freud.

O espírito de autoajuda de Smiles fazia o acesso à mobilidade e ao mercado depender do exercício da virtude obtido pelo efeito conjunto da volição e da coragem moral. Em contraste, a autoajuda e a virtude não tinham lugar no arcabouço teórico geral de Freud. [...] Enquanto a autoajuda postulava que a vida era uma sucessão de realizações acumuladas e podia ser entendida como algo que se desdobrava progressivamente ao longo de uma linha temporal horizontal, a visão freudiana do eu postulava que era preciso traçar muitas linhas verticais invisíveis entre os eventos fundamentais da infância de alguém e seu desenvolvimento psíquico posterior, porque a vida não era linear, porém cíclica. (ILLOUZ, 2011, p. 62)

Outro ponto abordado por Freud, e trazido por Eva Illouz, é a distinção de sucesso e saúde. Essa distinção é essencial para entendermos tal cenário, pois ao entender a saúde como objeto da psique, no lugar do sucesso, entende-se que a recuperação não depende da pura vontade do sujeito, já que não se pode prever, apenas prevenir, quaisquer oscilações na saúde de cada indivíduo. Assim, para a autora, Freud sugeriu que a recuperação psíquica não é distribuída de maneira uniforme para todo o meio social, ou seja, ela não é democrática.

Apesar de paradoxal, Eva Illouz discorre sobre um entrelaçamento entre o espírito de autoaprimoramento de Smiles (ou a cultura da autoajuda, citada no início do texto) e as ideias Freudianas "a tal ponto que são praticamente indistinguíveis" (ILLOUZ, 2011, p. 63). E, mais importante, o resultado deste

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3dIUxpZdoG0> – Acesso em 15 jul 2015.



processo de *democratização geral do sofrimento psíquico* (ILLOUZ, 2011): uma indústria promissora e, conseqüentemente, próspera, ou seja, seria a transformação autoajuda (ou autorrealização), a partir da narrativa da identidade, em uma mercadoria.

Este surgimento também foi possível graças a uma visão mais otimista do desenvolvimento pessoal por parte dos psicólogos do século XX, algo oposto ao que propunha Freud. Tais mutações na psicologia, segundo Illouz, resultaram em uma certa proximidade entre a mesma e a visão moral da autoajuda, que, por sua vez, afirma que é possível ao indivíduo moldar seu próprio destino. Aliás, não é somente possível, mas, alinhado à cultura norte-americana, moldar seu próprio destino tornara-se um dever.

Este "dever" de moldar seu próprio destino reflete de forma negativa no meio social. Para exemplificar isso, Illouz traz Abraham Maslow para a discussão, uma vez que, segundo a autora, a ideia desta necessidade de desenvolvimento linear (ou autoatualização) "levou-o a formular uma hipótese [...] de que é o medo do sucesso que impede a pessoa de aspirar à grandeza e à autorrealização" (ILLOUZ, 2011, p. 67). A partir disso, definiu-se uma nova categoria de pessoas: pessoas que não conformavam-se a essas ideias de autorrealização e que, como consequência, passaram a ser entendidas como doentes. A autora aponta que tal ideia se solidificou a partir do momento que ela penetrou nas concepções culturais do eu e transformou-as por ter se apoiado na visão liberal de que o desenvolvimento pessoal seria agora um direito, e não mais uma possibilidade. Ou seja, a busca por autorrealização passou de uma possibilidade para dever e acabou se concretizando como um direito. Deste modo, a autora defende que houve uma ampliação no campo de ação dos psicólogos, e que eles "passaram também para a ideia de que a saúde e a autorrealização eram uma coisa só" (ILLOUZ, 2011, p. 68). E, mais importante, a autora aponta que este movimento fez com que uma vida comum fosse entendida como uma vida patológica. "Mas o credo terapêutico foi mais longe, na medida em que formulou a questão do bem-estar em metáforas médicas e patologizou a vida comum" (ILLOUZ, 2011, p. 68). Um dos maiores reflexos desta patologização da vida comum é, novamente, o surgimento da autoajuda como uma mercadoria, ou, de maneira mais pragmática, como um remédio à esta patologia criada.

Neste contexto, Eva Illouz dialoga com autores como, por exemplo, Nikolas Rose, que endossa este argumento ao afirmar que "Os reformadores das práticas do bem-estar e da medicina têm-se voltado, ao longo das últimas décadas, para a noção de que os seres humanos [...] são sujeitos de direito" (ROSE, 2001,



p. 48). A autora descreve este cenário com um tom preocupante (apesar de não evidenciar isso de maneira tão direta) com o argumento de que o ideal de "saúde", baseado em autorrealização, não é definido e sempre está em expansão. A consequência seria que, a partir disso, qualquer comportamento pode ser compreendido como patológico. É possível complementar este pensamento afirmando que esta busca interna também, segundo Rose, desenvolve certo individualismo na sociedade, o que deixa a coletividade em segundo plano.

A exigência humanista para que a pessoa decifre a si própria em termos da autenticidade da própria ação vai contra a exigência política ou institucional para que a pessoa aja de acordo com a responsabilidade coletiva do processo organizacional de tomada de decisão mesmo quando se está pessoalmente em oposição a ele (ROSE, 2001, p. 48).

Neste momento, torna-se pertinente retomar que, dentro do *novo espírito do capitalismo* (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009), a autorrealização pode ser, também, ofertada em forma de mercadoria através da cultura do consumo. Basicamente, torna-se possível consumir livros, textos, vídeos, etc, que "prometem" auxiliar na performance (Ehrenberg, 2010) pessoal – o objeto deste artigo é um exemplo disso, e será apresentado mais à frente. Eva Illouz dialoga com os autores Luc Boltanski e Ève Chiapello ao longo desta obra, e este diálogo pode ser evidenciado com a seguinte afirmação: "as narrativas terapêuticas criam nichos de mercado, espectadores simultaneamente definidos como pacientes em potencial e consumidores" (ILLOUZ, 2009, p. 76).

É especificamente dentro deste *novo espírito do capitalismo* que a autorrealização se desenvolve também como mercadoria. Dentro do novo espírito deste modo de produção, a autorrealização, ou qualquer mercadoria que auxilie o indivíduo a alcançá-la, torna-se um objeto de comércio. Boltanski e Chiapello traçam o histórico do modo de produção capitalista e explicam, de maneira bem didática, como o modo de produção se moldou ao longo do tempo a partir das críticas atribuídas a ele. Cabe neste momento trazer, de maneira breve, como isso se deu desde o seu surgimento, a fim de esboçar o contexto contemporâneo de penetração do mercado em novas esferas.

De acordo com os autores, existe uma forma de libertação proposta pelo modo de produção capitalista desde o seu surgimento, e este discurso de libertação se transforma ao passar do tempo e alinha-se às críticas atribuídas ao próprio capitalismo. Assim, as críticas mais recentes que levaram ao momento atual possuem como alvo principalmente a produção em massa, baseada no argumento de que cada indivíduo possui um tipo de necessidade, e a produção em massa faz com que não exista mais uma individualidade



dentro do meio de produção. Eva Illouz aponta, de certa maneira, um exemplo de crise e crítica ao modo capitalista intimamente ligada à cultura da autorrealização "Sem dúvida, a ideia de autorrealização fez eco à crítica política ao capitalismo e à demanda de novas formas de expressão e bem-estar pessoas dos anos 60" (ILLOUZ, 2011, p. 68).

Assim, o capitalismo precisou, à sua maneira, absorver essas demandas de autonomia, autenticidade e responsabilidade – ou, como aponta Illouz, essas demandas por novas formas de expressão e bem estar. Tal absorção também é indicada por Nikolas Rose, quando ele afirma que

Desse complexo e contestado campo de oposições [críticas], alianças e disparidades de regimes de subjetivação advêm acusações de desumanidade, críticas, exigências por reforma, programas alternativos e a invenção de novos regimes de subjetivação" (ROSE, 2001, p. 48).

Estas críticas, muito presentes no movimento de Maio de 1968, e o modo como o capitalismo as incorporou, é justamente o que mais nos importa para a elaboração deste artigo. Desta maneira, Boltanski e Chiapello, ao apontarem os reflexos destas críticas e como que o modo de produção capitalista iria absorvê-las, propõem que existe uma modalidade de libertação oferecida pelo consumo.

A aspiração das pessoas à modalidade, à pluralização das atividades, ao crescimento das possibilidades de ser e fazer apresenta-se como um reservatório quase que sem fundo de ideias para a concepção de novos produtos e serviços que serão postos no mercado. Assim, seria possível mostrar que quase todas as invenções que alimentaram o desenvolvimento do capitalismo foram associadas à proposta de novas maneiras de libertar-se (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 439).

Entre todas as consequências desta manobra do capitalismo para absorver as críticas, podemos citar a penetração deste modo de produção em novas esferas que anteriormente não faziam parte da circulação comercial. "Teve início uma evolução no sentido da maior mercantilização de certas qualidades dos seres humanos com o intuito de 'humanizar' os serviços, especialmente os pessoais" (BOLTANSKI;CHIAPELLO, 2009, p. 444). Desta forma, segundo os autores, o sistema incorporou, em sua oferta, novos tipos de mercadorias a serem consumidas, conforme já citado anteriormente.

Além um novo tipo de mercadoria, a narrativa terapêutica da autoajuda também surge, segundo Nikolas Rose, como uma tecnologia⁴ móvel e polivalente. O autor discorre sobre dois exemplos de tecnologias, que seriam meios inventados para governar o indivíduo a fim de moldar sua conduta. Para

⁴ Aqui, o conceito de "tecnologia" está alinhado a "qualquer agenciamento ou qualquer conjunto estruturado por uma racionalidade prática e governado por um objetivo mais ou menos consciente" (ROSE, 2001, p. 38).



Nikolas Rose, baseado em pensamentos foucaultianos, escola, prisão e hospício são tipos de tecnologias, todavia a tecnologia em questão estaria mais alinhada a uma relação pastoral presente na cultura da autoajuda.

A cultura da autoajuda seria uma relação de aconselhamento espiritual entre uma figura de autoridade e cada membro de seu rebanho, corporificando técnicas tais como a confissão e a exposição do eu, a exemplaridade e o discipulado, incorporado à pessoa por meio de uma variedade de esquemas de auto-inspeção, auto suspeição, exposição do eu, autodeciframento e autoformatação (ROSE, 2001, p. 38)

É importante ressaltar que o surgimento dessas novas mercadorias é de extrema importância para o modo de produção capitalista. Não somente porque esta foi uma das maneiras de absorver as críticas atribuídas a ele, como exemplificado por Boltanski e Chiapello, mas também por conta do significado do consumo destes novos tipos de mercadorias, que, na verdade, acaba sendo fruto de uma condição imposta pelo próprio modo de produção. Tal análise torna-se pertinente quando trazemos, de maneira breve, a discussão entre produção e consumo proposta por Maria Aparecida Baccega, que afirma, com base em Marx (1992), que "Consumo e produção são duas faces da mesma moeda" (BACCEGA, 2011, p. 34).

A discussão que Baccega propõe é que o consumo seria um mediador da produção porque cria sujeitos para as mercadorias. A produção, por sua vez, torna-se mediadora do consumo por criar os materiais que serão utilizados na confecção dos objetos. Entende-se aqui, portanto, que o consumo seria o responsável pelo escoamento da produção, desta maneira torna-se pertinente que o modo de produção capitalista, por meio da publicidade, ou até mesmo por meio das tecnologias propostas por Nikolas Rose, molde os consumidores à sua maneira para que seja consumido o que ele produz. Essa dinâmica também é identificada na seguinte afirmação de Nikolas Rose

Talvez se possa dizer que o campo estratégico geral de todos aqueles programas de governo que se vêem como liberais tem sido definido pelo problema de como indivíduos livres podem ser governados de maneira tal que eles vivam sua liberdade de forma apropriada. (ROSE, 2001, p. 40).

Eva Illouz, conforme mencionado, discorre de maneira clara em relação a estas novas mercadorias que surgem com base na narrativa terapêutica. A princípio, ela coloca a narrativa como um apoio para que o próprio indivíduo reescreva sua história a partir de um objetivo, seja ele algo subjetivo, como autorrealização, ou mais tangível, como a busca por um divórcio amigável. A autora vai além ao defender que a própria narrativa terapêutica faz com que o indivíduo compreenda sua vida como uma "disfunção generalizada" a fim de superá-la, trazendo à tona sentimentos negativos, como, por exemplo, vergonha,



culpa, medo ou insuficiência. Entretanto, e mais importante, justamente por causa desta evidência e importância dada aos sentimentos negativos, Illouz diz que a narrativa terapêutica "não aciona esquemas morais nem acusações" (ILLOUZ, 2011, p. 77).

Deste modo, entende-se que esta cultura privilegia o sofrimento e o trauma, pois ela funciona a partir da identificação de uma complicação da história ao entendê-la a partir de um acontecimento passado, como forma de descoberta de identidade baseada na experiência de sofrimento. Nesse contexto, torna-se pertinente refletir sobre a seguinte passagem

A narrativa do sofrimento psíquico reformula as biografias de sucesso como biografias em que o próprio eu nunca está propriamente 'pronto', e nas quais o sofrimento da pessoa passa a constituir sua identidade (ILLOUZ, 2011, p. 79).

Ora, se o "eu" nunca está propriamente pronto, seria cada vez mais difícil atingir o objetivo proposto dentro desta cultura terapêutica. Entende-se, neste momento, que o indivíduo está sempre em transformação, assim pode-se formular a hipótese de que caso chegue o momento em que o indivíduo alcance o objetivo proposto, baseado na cultura terapêutica, existirá algum outro objetivo a ser buscado, tornando, assim, esta busca algo infundável, assim, dialogando com a proposta da Baccega, assume-se que o consumo também pode ser, nesta dinâmica, infundável, ou seja, ele existirá e ocorrerá o tempo todo.

Outra reflexão importante que a autora traz é em relação ao paradoxo desta narrativa terapêutica na era pós-1980. Illouz aponta que, dentro desta cultura, apesar de existir a disseminação do discurso individualista autoconfiante e hegemônico, existe uma grande demanda de expressar e praticar o próprio sofrimento. Ou seja, ao mesmo tempo que existe a busca por autorrealização ou pela performance (Ehrenberg, 2010), é possível identificar também a busca por pertencimento.

Para que se transforme num esquema básico que organize o eu, uma narrativa deve ter uma enorme ressonância institucional cultural, ou seja, tem que se tornar parte das operações rotineiras de instituições que comandem enormes recursos culturais e sociais, como o Estado ou o mercado. (ILLOUZ, 2011, p. 84).

Por mais que não caiba a este artigo investigar a veracidade de alguma autorrealização alcançada, torna-se válido trazer a discussão de Pierre Bourdieu sobre *a ilusão biográfica*. Bourdieu aponta algumas implicações da narrativa biográfica, e a mais importante delas é que não necessariamente uma narrativa biográfica seja fiel à situação real ou à ordem dos acontecimentos. Isso faz com que, ainda mais, a efetividade da narrativa terapêutica como tratamento ou inspiração seja, de certo modo, questionável.



O objeto desse discurso, isto é, a apresentação privada de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e de censuras específicas. [...] E tudo leva a crer que as leis da biografia oficial tenderão a se impor muito além das situações oficiais. (BOURDIEU, 1996, p. 189).

Reforçando esta passagem de Bourdieu, podemos trazer uma afirmação de Nikolas Rose que vai de encontro a esta análise da ordem dos fatos ou da própria narrativa autobiográfica.

Os vocabulários que utilizamos para pensar sobre nós próprios emergem de nossa história, mas nem sempre carregam as marcas de seu nascimento: a historicidade dos conceitos é demasiadamente contingente, demasiadamente móvel, oportunista e inovadora para isso. (ROSE, 2001, p. 52)

Neste momento, pode-se inferir que existe a possibilidade de que tais censuras ou coações estejam inseridas em narrativas autobiográficas a fim de "moldar o eu". Já esta segunda ação, de "moldar o eu", pode ser a consequência de inúmeros fatores, como, por exemplo, a busca por pertencimento dentro da busca por autorrealização. Torna-se extremamente válido retomar também que esta segunda ação se dá de maneira horizontal, justificando sucessos a partir de ações tomadas em momentos de sofrimento, o que, de maneira interessante, retoma a lógica proposta por Smiles dentro da autoajuda.

Assim, fica evidente mais uma vez a criação de uma nova mercadoria dentro do novo espírito do capitalismo (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009): a saúde mental e afetiva. "Todos esses diversos atores convergiram para a criação de um campo de ação em que a saúde mental e afetiva é a principal mercadoria circulada" (ILLOUZ, 2011, p. 91). E, mais importante, sendo a saúde mental ou afetiva uma mercadoria circulada, é de maneira clara que esta torna-se um fator denominador de status ou classe social, como a própria autora conclui o 2º capítulo desta obra "[...] hoje existem novas hierarquias de bem-estar afetivo, entendido como a capacidade de alcançar formas social e historicamente situadas de felicidade e bem-estar" (ILLOUZ, 2009, p. 106). Ainda um pouco além, pode-se entender este processo como algo que afasta ainda mais o indivíduo da coletividade, reforçado pelo fato de ser um processo não democrático.

A Narrativa Terapêutica no discurso de Isabela Freitas.

Conforme mencionado na introdução, será aplicada nesta parte do artigo a análise crítica do discurso com base nos estudos de Norman Fairclough (2001). Assim, deve-se compreender tanto o conteúdo da fala de Isabela quanto o contexto em que esta fala se propaga. Além disso, cabe a esta análise entender o discurso da blogueira como uma prática social dentro da seguinte afirmação: "Ao usar o termo 'discurso',



proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais." (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90).

Ao longo da análise é possível identificar a maneira como Isabela coloca a lógica de seus argumentos no seu discurso, principalmente quando o mesmo é baseado em suas próprias experiências, logo, em sua narrativa autobiográfica. Assim, dentro da discussão proposta por Fairclough, torna-se pertinente entender que seu discurso e fala, apesar de incisivos e dotados de certeza, são passíveis de diferentes interpretações.

Tais processos (de interpretação) geralmente procedem de maneira não-consciente e automática, o que é um importante fator na determinação de sua eficácia ideológica, embora certos aspectos sejam mais facilmente trazidos à consciência do que outros. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

Isabela Freitas é uma menina de 24 anos residente na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Em meados de 2011, conforme consta em seu website⁵, Isabela deu início ao seu blog com a proposta de falar sobre o universo feminino, mais especificamente sobre relacionamentos. Ao passar do tempo, e com o crescimento das visualizações em seu blog, mencionado pela própria blogueira, Isabela expandiu seus meios de atuação. Mesmo que ainda no online, podemos encontrar conteúdos produzidos por Isabela dentro do Facebook, Twitter, Instagram e, mais importante para este artigo, no YouTube. Além disso, em 2014 a blogueira foi convidada pela Editora Intrínseca a publicar um livro baseado nos posts de seu blog. Intitulado "Não se apega, não", o livro de Isabela, segundo matéria publicada no G1⁶, vendeu mais de 80 mil cópias em somente 3 meses após seu lançamento.

Esta blogueira é pertinente a este artigo porque a narrativa terapêutica (ILLOUZ, 2011) se apresenta de maneira bem viva na produção de conteúdo de Isabela. Na descrição de seu livro⁷, é possível encontrar traços claros da narrativa autobiográfica a partir de momentos de sofrimento, ou seja, momentos que foram uma "virada" na vida de Isabela e, segundo a mesma, de "a hora de resgatar o amor-próprio, a autoconfiança e entrar em contato com seus próprios desejos".

Assim, ao compartilhar sua própria experiência e suas dicas de relacionamento, Isabela tornou-se referência para seu público. Antes de analisar um pouco mais a fundo o conteúdo produzido por Isabela,

⁵ Disponível em <http://isabelafreitas.com.br> – Acesso em 13 julho 2015.

⁶ Disponível em <http://goo.gl/HP3aSW> – Acesso em 13 julho 2015.

⁷ Disponível em <http://intrinseca.com.br/naoseapeganao/> – Acesso em 13 julho 2015.



torna-se interessante retomar a matéria publicada no G1 em que Isabela é entrevistada. Ao analisar seu discurso, é possível encontrar diversas afirmações que dialogam com o quadro teórico apresentado. Primeiramente, apesar da palavra "autoajuda" não estar presente no website que divulga seu livro, Isabela, ao responder uma das questões da entrevista, é direta ao afirmar que seu livro é uma mistura de ficção e autoajuda, pois baseia-se em sua própria história e, mesmo em forma de narrativa, "vem ajudando tantas pessoas por aí".

Também é válido citar que Isabela alterou sua biografia e misturou-a com ficção, e a ela deixa isso claro tanto na descrição do livro quanto na entrevista. Nesse contexto, o mais interessante é analisar o discurso de Isabela em torno deste fato. Isabela afirma que a personagem do livro seria uma "Isabela ideal", ou, como ela própria diz na entrevista, "Ela é mais o que eu queria ser", identificando nesta Isabela ficcional certo tipo de objetivo a ser alcançado ou, até mesmo, ideal de performance (Ehrenberg, 2010). Além disso, evidencia que mesmo Isabela, que é produtora de conteúdo de autoajuda, ainda assim almeja uma maior performance neste sentido, evidenciando o que foi chamado no quadro teórico de "uma busca infundável" (ILLOUZ, 2011).

Em certo momento da entrevista, Isabela discorre sobre a rotulação de autoajuda de seu livro e o relacionamento com os leitores. De maneira orgulhosa, a autora afirma que se sente "honrada" por seu livro ser reconhecido desta maneira, e aponta o que alguns leitores disseram a ela após lerem o livro.

Claro que não, fico muito honrada. "Seu livro mudou minha vida", "depois do seu livro sou outra pessoa", "você me ajuda demais", "você se tornou minha melhor amiga" – são frases que escuto por aí. E se isso é uma autoajuda juvenil, olha que beleza? Um orgulho!

Neste momento, podemos entender o conteúdo produzido por Isabela, tanto no livro quanto nas plataformas digitais, como parte da tecnologia móvel e polivalente exemplificada por Nikolas Rose. A "relação de aconselhamento" entre uma figura de autoridade e "membros de seu rebanho" está fortemente presente neste depoimento de Isabela.

A fim de exemplificar ainda mais o quadro teórico, a análise descrita abaixo aprofunda-se em seu canal audiovisual, ou seja, em um conteúdo produzido em forma de vídeos postados no YouTube⁸. No presente momento em que este artigo está sendo formulado, o canal conta com 30 vídeos e mais de 63 mil

⁸ Disponível em <http://youtube.com/IsabelaaFreitas> – Acesso em 13 jul 2015.



usuários inscritos. É possível perceber certa linearidade no título dos vídeos: são frases imperativas e afirmações objetivas em relação a relacionamentos, escritas em caixa alta, como, por exemplo, ELE NÃO TE AMA, ELE SÓ QUER TE USAR, MULHER NÃO SABE O QUE QUER, etc. Este tom imperativo é capaz de transmitir certeza aos usuários, e os vídeos podem ser vistos, retomando a discussão de Boltanski e Chiapello, como mercadorias ofertadas. O usuário, ao visualizar o canal de Isabela, se depara com várias mercadorias dotadas de significados. Como, por exemplo, o vídeo 7 PASSOS PARA O DESAPEGO⁹ que oferta, de maneira clara, um passo a passo à usuária a fim de trilhar um caminho que objetiva justamente o desapego. E este passo a passo remete, de maneira clara, à discussão de Eva Illouz apresentada no quadro teórico, principalmente no ponto que entende esta cultura terapêutica como um apoio para que cada indivíduo reescreva sua própria história baseada em um objetivo.

Outro ponto importante que o conteúdo de Isabela retoma é a da importância da autorrealização, principalmente dentro do espírito de autoaprimoramento de Smiles. Ehrenberg também endossa essa discussão ao afirmar que "Cada um deve aprender a se governar por si mesmo e a encontrar as orientações para sua existência em si mesmo" (EHRENBERG, 2010, p. 11).

Dentre as opções de vídeos para análise deste artigo, foi escolhido o vídeo intitulado 7 PASSOS PARA O DESAPEGO, mencionado anteriormente. A escolha baseou-se na afinidade com a cultura terapêutica do título, que traz de forma clara sua proposta: passar uma "fórmula" ao público que objetiva o desapego. Outro ponto que serviu de base para esta decisão é que este vídeo alinha-se ao livro publicado por Isabela em 2014, citado anteriormente e retomado na própria fala da blogueira ao longo dos pouco mais de 12 minutos de vídeo.

No vídeo, Isabela está em seu quarto, o que é capaz de transmitir certa intimidade a seu público. Reforçando isso, antes de começar a falar sobre o assunto do vídeo, Isabela comenta assuntos relacionados à sua pessoa, como, por exemplo, o fato de ela morar próxima a uma igreja, em que está acontecendo o evento do dia de Santa Rita. Essa introdução é importante, pois faz com que o assunto não seja tratado de maneira direta. Como as "receitas" ou "dicas" de Isabela são dadas com base em sua experiência, é de extrema importância que a interlocutora conquiste a confiança e intimidade de seu público. Existe no vídeo diversos acontecimentos pessoais que desviam do assunto proposto, mesclando-os com a vida privada de Isabela.

⁹ Disponível em <http://youtube.com/watch?v=cDtJYeoOuzc> – Acesso em 13 jul 2015.



Em sua primeira frase relacionada ao assunto proposto no vídeo, Isabela traz de forma bem clara a horizontalidade presente na narrativa terapêutica proposta por Illouz. A blogueira relaciona, de forma clara, que seu modo "desapegada", como própria denomina, está relacionado ao modo como sua mãe a criou "de maneira muito independente". E, a partir de sua própria experiência, Isabela conclui que o primeiro passo para o desapego, no caso o objetivo claro desta narrativa, é ser independente.

A verdade é que o desapego não nasce com a gente [...] Eu não nasci desapegada [...]. Esse lance de desapego vem muito da criação. Aqui em casa, minha mãe sempre me criou muito independente [...] E eu acho que o primeiro passo para o desapego é ser independente.

Na sequência, Isabela entra especificamente na questão da independência, e a associa claramente à auto suficiência, o que nos permite retomar a disseminação de um discurso individualista autoconfiante. Com palavras claras, objetivas e até em um tom imperativo, Isabela afirma que

A independência de ser auto suficiente. Tem que ser aquela pessoa que não tem medo de sair sozinha [...]. Esses dias eu postei no Facebook que eu admiro pessoas que são assim, que eu acho incrível pessoas que são assim, eu admiro. Eu adoro ir no restaurante sozinha.

Mais uma vez, encontramos claros traços do discurso de Isabela feito para um público alinhados à própria narrativa de vida dela. Ainda dentro dessa disseminação expressada no parágrafo anterior, vemos uma constatação de que, apesar do discurso ser individualista e autoconfiante, existe nele esta grande demanda de expressar-se, mais evidenciada quando ouve-se a afirmação "Eu estou aqui sozinha porque eu quero, porque eu me basto, porque eu sou boa sozinha" quando a blogueira se refere a um dia que foi a um restaurante desacompanhada. Assim que Isabela encerra sobre o "primeiro passo", ela traz uma afirmação clara sobre qual é o seu papel e o que ela está ofertando ao seu público: "Estou passando a fórmula, hein gente, anota! Anota a receita".

O segundo passo para o desapego apontado por Isabela Freitas alinha-se novamente ao individualismo discutido por Nikolas Rose. Basicamente, a blogueira afirma sobre a necessidade do "amor próprio", e de que para se desapegar é necessário "não ter medo de deixar que as pessoas se vão". Neste ponto, já é possível encontrar o individualismo presente na fala de Isabela, entretanto ela faz questão de deixar ainda mais claro, na visão dela, a importância auto suficiência do indivíduo ao ser bem incisiva nessa questão do "outro". Para Isabela, o "outro" é sempre descartável, e é justamente neste momento que a noção de coletividade, abordada por Nikolas Rose, é deixada de lado. A passagem do vídeo que melhor exemplifica isso é quando Isabela discorre sobre o "amor próprio" e as consequências de se adotar esta



medida. "O amor próprio te ajuda a se colocar acima das pessoas. Nunca você vai estar abaixo das pessoas, você tem que estar acima. Eu sou boa sozinha, eu sou melhor sozinha, eu me amo."

Dentro deste contexto, Isabela a todo tempo traz um discurso de certeza, de afirmação. E todo o seu discurso é muito relacionado à sua própria experiência, ou seja, é baseado na sua narrativa de vida.

Sempre vai aparecer alguém melhor, a nossa vida é uma evolução. Se eu pegar meu primeiro namoradinho até o final da linha do tempo, é uma evolução que você não tem noção [...]. É uma escadinha, lá no topo você vai encontrar o melhor que pode.

O discurso de Isabela possui um tom incisivo e palavras que reforçam sua autoridade. Não há espaços para dúvidas, e existem até colocações bem diretas em relação a esta certeza, como o momento em que Isabela diz que caso suas leitoras sigam estas dicas e o objetivo buscado por elas não seja atingido, elas podem, e devem, cobrar Isabela por isso. Em suas palavras "A certeza de que pessoas melhores vão aparecer na sua vida. E vão, eu tenho certeza. Se não aparecer, você pode bater aqui na porta da minha casa".

É possível perceber também que o conteúdo produzido e disponibilizado por Isabela está ligado ao seu próprio ser. Enquanto a blogueira fala sobre o assunto proposto, ela o mistura com os acontecimentos de sua vida que, por vezes, não estão relacionados ao assunto. O início do vídeo já foi exemplificado aqui, mas também podemos trazer, como exemplo, o momento em que Isabela discorre sobre a tatuagem que fez no braço esquerdo. Esta análise é confirmada pela fala da própria Isabela já falei de várias coisas, já falei de Santa Rita, já falei da minha tatuagem, já falei do livro, e desapego que é bom, nada, né?". Outro ponto importante nessa fala é o coloquialismo e a proximidade, que demonstra, novamente, a intimidade e a relação afetiva entre a interlocutora e seu público. Certa intimidade também é evidenciada mais à frente no vídeo quando ela explica o motivo de ter gravado sobre este assunto, simplesmente porque ela ama seu público. "Por isso eu quis gravar um vídeo falando desse tema [...]. Porque eu amo vocês".

Dentro deste discurso para o público, levanta-se a hipótese de que Isabela utiliza esta estratégia de intimidade a fim de fidelizá-lo. Sabe-se que a audiência, ou o público, é de extrema importância a um interlocutor. E o seu público, como na maioria dos casos, é a mola propulsora para que Isabela possa transformar seu conteúdo em lucro. O público de Isabela e seu poder de comunicação interessam a grandes corporações que querem utilizar este meio como publicidade, e o exemplo mais prático e ligado a este artigo



que podemos dar é o post divulgado em seu blog em Novembro de 2014¹⁰ intitulado "Desapegando com a OLX".

Dentro deste post, encontramos todos os itens descritos no vídeo analisado. Há um discurso parecido, baseado na mesma lógica de argumentação de Isabela. É possível identificar, novamente, a relação consigo mesma, e como ela se descreve dentro dessa narrativa e impõe suas regras a quem estiver lendo seu conteúdo. Depois de fazer esta introdução, Isabela traz a OLX de maneira sutil, e afirma que foi desafiada pela OLX a desapegar. "A convite da OLX, aceitei o desafio de desapegar de algo que tenha um significado para mim. Afinal, é tão fácil anunciar no site deles (de graça!), e ganhar uma graninha extra, então por que não?". Assim, Isabela explica como é possível usar a mercadoria oferecida pela OLX de maneira didática, e convida seu público a também "encarar o desafio".

Aqui, como descrito, é possível identificar uma estratégia por parte da OLX de utilizar Isabela como um meio de legitimação da mercadoria ofertada. Em contrapartida, entende-se que Isabela utilizou seu público e seu poder de comunicação como uma mercadoria para a OLX, ou seja, mais um exemplo da mercadorização do indivíduo proposto por Boltanski e Chiapello, atribuído a uma blogueira de 23 anos, residente em Juiz de Fora - MG.

Considerações Finais

A apresentação deste artigo traz alguns fenômenos que se solidificaram na contemporaneidade, tanto em relação à cultura terapêutica e ao direito/dever da busca pela autorrealização, quanto ao fenômeno Isabela Freitas, um indivíduo que se baseia em suas experiências pessoais para produzir conteúdo e aconselhar seu público a partir de um discurso ideológico. Tanto a cultura terapêutica quanto fenômenos comunicacionais, como Isabela, são assuntos de extrema pertinência no presente momento, e o aprofundamento dentro destes conceitos torna-se demasiadamente interessante. Principalmente porque, como discutido no quadro teórico, são capazes de transformar situações normais em patológicas.

Ao analisar como um todo, é possível identificar a maneira como estes fenômenos se misturam a ponto de, para o senso comum, serem indistinguíveis. Uma simples garota de 23 anos dando conselhos pela internet com base na sua própria experiência é visto, pela ciência, de diversas maneiras, tanto conforme

¹⁰ Disponível em <http://isabelafreitas.com.br/2014/11/24/desapegando-com-a-olx> – Acesso em 14 jul 2015.



apresentado neste artigo quanto conforme outras diversas abordagens teóricas, como, por exemplo, o imperativo da felicidade (FREIRE FILHO, 2010), o espaço biográfico (ARFUCH, 2010), construção do eu biográfico (BOURDIEU, 1996) e, obviamente, conforme apresentado, a cultura terapêutica a partir de narrativas (ILLOUZ, 2010).

Bibliografia

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea** [tradução Paloma Vidal]. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010

BACCEGA, Maria Aparecida. **Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo**. In: CARRASCOZA, João Anzanello & ROCHA, Rose de Melo. Consumo midiático e culturas da convergência. São Paulo: Miró Editorial, 2011. p. 26-44.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO E. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

BOURDIEU, P. **A Ilusão Biográfica**. In: MORAES FERREIRA, M; AMADO, J. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996

EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida (SP): Ideias & Letras. 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001

FREIRE FILHO, J. **A Felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: "construindo pessoas cronicamente felizes"**. In: Freire Filho, J. (org) Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1992

ROSE, N. **Como se deve fazer a história do eu?** Revista Educação & Realidade, 26 (1), 33-57. 2001

SMILES, S. **Self-Help**, Londres: John Muray, 1882